

# A Professora Gram-Boa em Lisboa



História e Ilustração

**Helena Ponte**

**Livro recomendado**  
**Infarmed I.P. – Autoridade Nacional de Medicamentos e Produtos de**  
**Saúde, I.P.**

Edição

Autor

História e Ilustração

Professora Doutora Helena Ponte

Revisão editorial

Carlos Pires

ISBN Nº 978-989-8369-12-3

## **Agradecimentos**

Esta obra é um projeto pessoal que contou com o apoio da médica pediatra  
Professora Doutora Maria do Céu Machado

No painel das chegadas do aeroporto da Portela acendeu-se de repente outra luz verde. Daquelas que sempre que um avião aterra, ficam a piscar à frente do nome do sítio de onde ele veio. Aquele chegava da Bacterilândia, o país das bactérias. Que gostavam tanto, mas tanto, de viajar, que andavam sempre no laréu a passear. Dando voltas e voltas para conhecerem novos mundos. Outras espécies de seres vivos! Só nesse dia já tinham chegado mais de cem aviões a abarrotar de bactérias vindas de todo o lado! Talvez por causa da conferência que ia haver em Lisboa, sobre «Saúde e Paz».



Neste último avião vinha a Professora Gram-Boa, bactéria muito famosa da Bacterilândia, para falar nessa conferência sobre o convívio das bactérias

com as pessoas e com os animais. E esperava ter a sala cheia, já que era um assunto que a todos interessava. Trazia consigo a sua mascote, de quem nunca se afastava, uma cadelinha Lulu da Pomerânia, de longo pelo dourado e um enorme laçarote cor-de-rosa com bolinhas brancas ao pescoço.

Era a Bacilita! Que adorava passear, mas sobretudo ao colo da dona, porque detestava sujar as patas felpudas, dizia ela...

Embora do que gostasse mesmo, fosse de bisbilhotar tudo muito bem, lá de cima, e do mais alto possível, para ver tudo melhor!



A Professora Gram-Boa vinha desejava para ver o céu de Lisboa que, lhe tinham dito, era do azul mais bonito do mundo, mesmo no inverno.



Devia fazer muito frio na rua, e por isso trazia um enorme sobretudo a arrastar pelo chão e uns óculos escuros, enormes, que colocava na cabeça como uma tiara de rainha, para tirar a franja dos olhos.

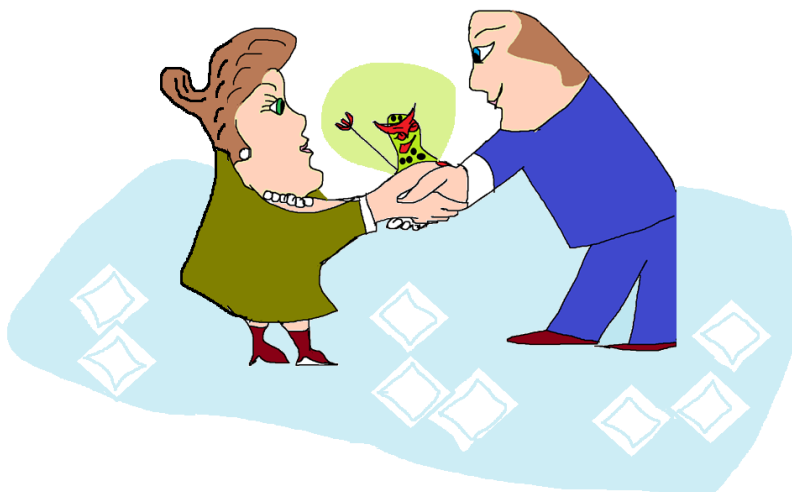
Enquanto esperava pelas malas de viagem, que eram mais de dez, reparou que também já ali estava, à espera da bagagem, o seu ilustre colega, o Professor Gram-Mau, bactéria malvada que conhecera nos bancos da escola quando eram ambos bactèrinhas. E nunca foram amigos, apesar de a Professora Gram-Boa ser bastante dada à paz.



O aspeto dele era sinistro! Usava sempre um capacete da tropa na cabeça e uns óculos grossos como os da neve, mas que ele punha para ver melhor. Além disso, era muito grande e curvado. Assim como o seu queixo, que quase lhe tocava na testa sempre franzida.

O Professor Gram-Mau era uma bactéria tão maléfica, que conseguia adoecer qualquer ser vivo, até num simples aperto de mãos!

Desde que não estivessem bem lavadas, claro!



A Professora Gram-Boa ainda se lembrava daquela vez, horrorosa, numa quinta pedagógica, onde tinha ido em visita de estudo com os seus alunos e outras turmas de bactèrinhas.

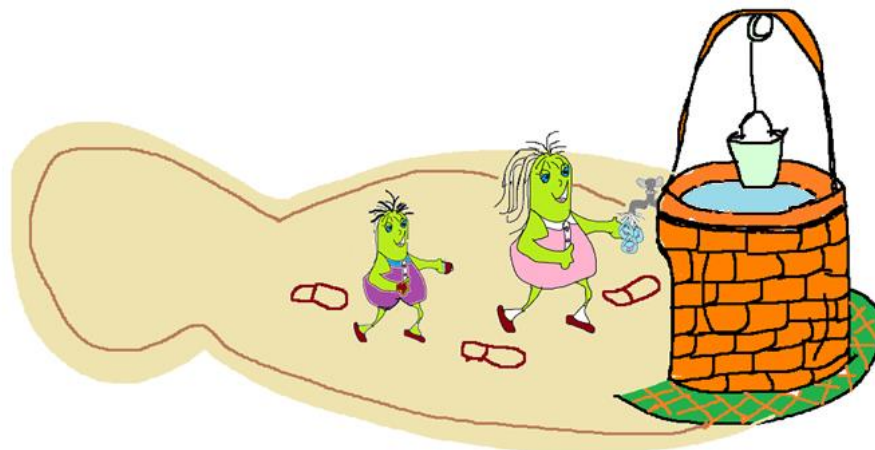


Todas muito turbulentas, mas sem qualquer comparação com os alunos do Professor Gram-Mau, que eram mesmo muito malcomportados. Saltavam e espirravam uns por cima dos outros e tocavam em tudo e em todos! Sobretudo nos animais que ali viviam, e também nas crianças que ali estavam para se divertirem, e aprender uns com os outros.





A Professora Gram-Boa ainda lhes disse: – Cuidado, não se agarrem nem se empurrem tanto, que ainda se magoam! E não se esqueçam de lavar muito bem as mãos quando acabarem de brincar, sobretudo antes de comer!



Mas foi a mesma coisa que nada.

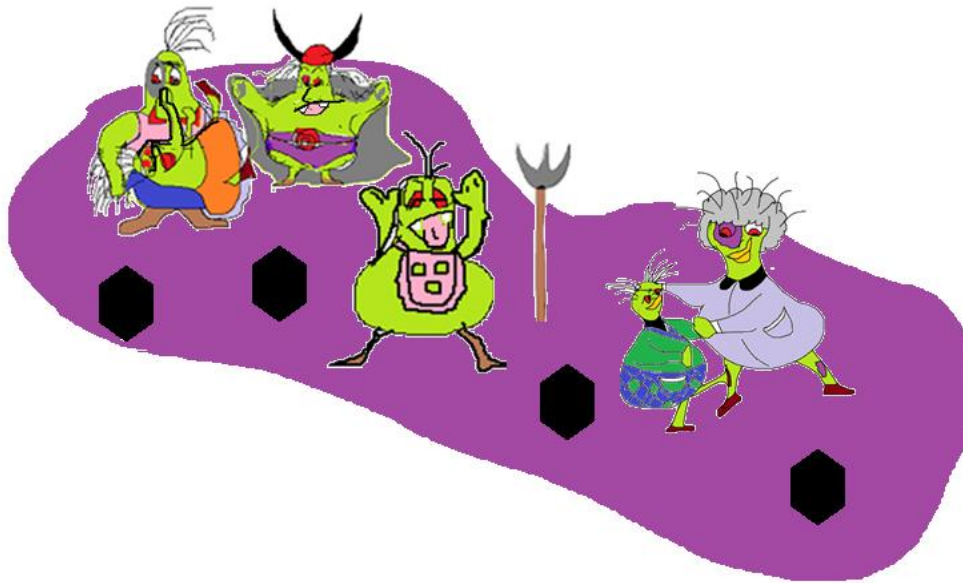


Mal se atiraram à mesa enorme, de coisas boas, que ali estava só para eles, lambuzaram-se todos e fizeram um chiqueiro tal, que no dia seguinte alguns deles ficaram doentes em casa.

Nem os leitõezinhos, nem as bactèrinhas boas escaparam à tormenta!



Só os alunos do Professor Gram-Mau se sentiam fortes e prontos para novas tropelias. Apesar de umas nódoas negras aqui e ali.



– Uma desgraça! – Relembra a Professora Gram-Boa. Até o dono da quinta ficara adoentado com o reboiço daquelas batèrinhas à solta. Umas pestinhas!

Quando o médico-veterinário lá chegou para ver os leitõezinhos que tinham deixado de comer, logo lhe disse: – Oh! Senhor Quintas, também tem de ser visto por um médico, senão nunca mais nos vemos livres disto!



“Isto” era a doença que as bactèrinhas más tinham provocado, naquela brincadeira toda, ao Sr. Quintas e aos leitõezinhos.

A Professora Gram-Boa sabia desta trapalhada toda, porque conhecia bem o médico e o médico-veterinário que tinham estado de serviço na quinta pedagógica para acudir a tanto estrago, e que lhe contaram tudo depois.

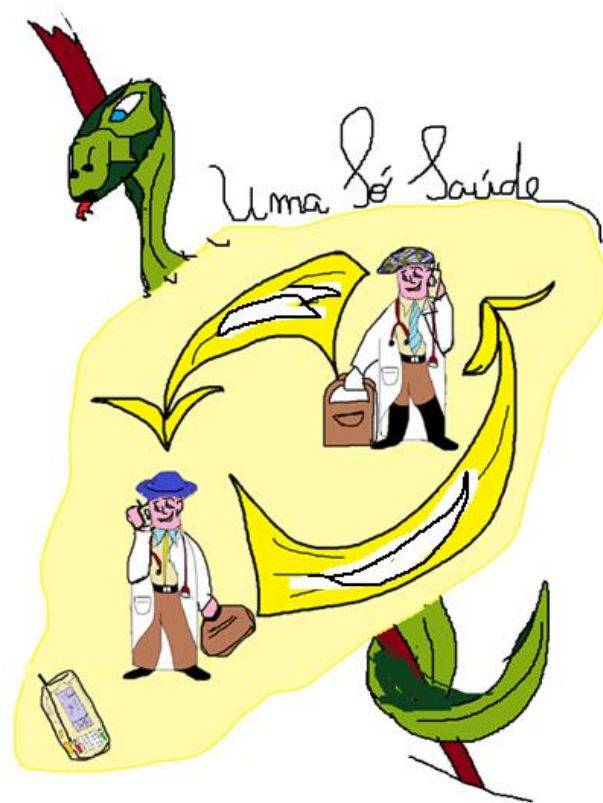
Eram os irmãos Antibióticos!



Muito eficientes! Gostavam de curar com segurança toda a gente. A menos que os doentes trocassem tudo o que eles diziam nas suas receitas, e aí as coisas podiam dar para o torto e correr tudo mal. Embora daquela vez não tivesse sido o caso.

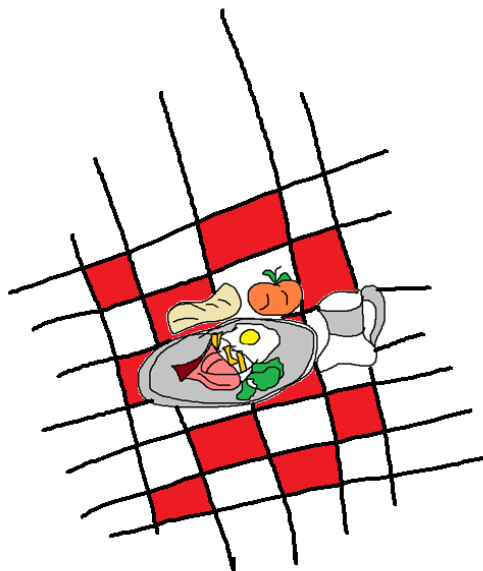
O Dr. Antibióticovéte tinha lá chegado antes do irmão e logo lhe mandou uma mensagem pelo telemóvel, que dizia assim: – Vem depressa, que o Sr. Quintas parece estar a precisar de ti!

E daquela vez estava mesmo.



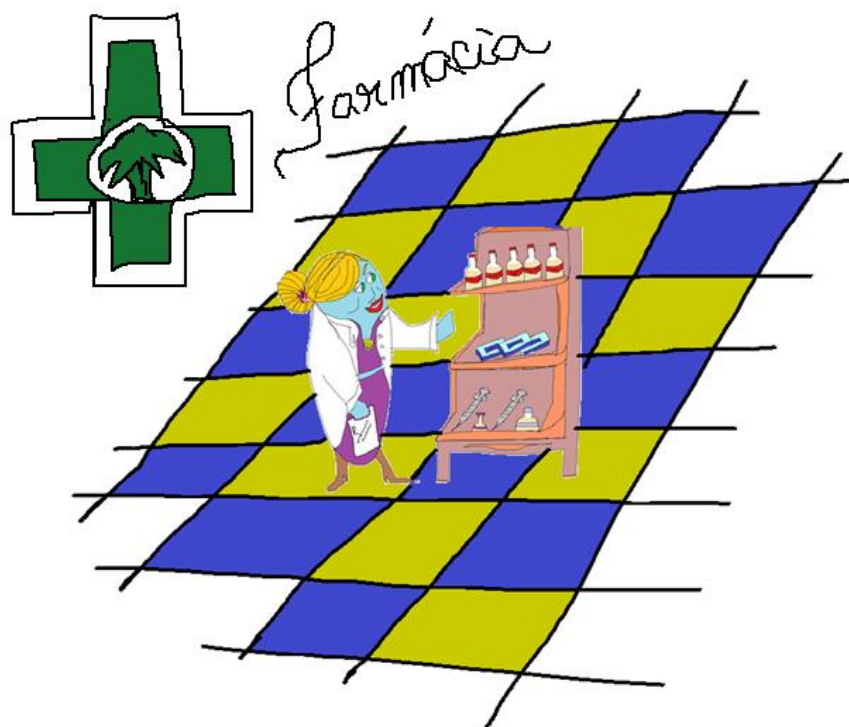
Também já tinha acontecido não precisar. Como numa ocasião em que o Sr. Quintas tinha estado de cama e, ao vir vê-lo, o Dr. Antibióticumano lhe disse: – Não saia à rua nestes próximos dias, Sr. Quintas! Tome estes remédios, apenas se sentir dor de cabeça, e de resto beba muita água e coma muito bem. Vai ver que não vai precisar de mim desta vez, porque o Senhor tem é gripe! E não se tomam antibióticos para as gripes nem para as constipações.

E assim foi.



Mas desta vez era bem diferente. Aquelas bactèrinhas más eram mesmo traquinas e tinham ido longe demais na brincadeira. E tanto assim foi, que quer o Dr. Antibióticumano quer o seu irmão, o Dr. Antibióticovéte, tiveram de passar receitas de Antibióticos, que a mulher do Sr. Quintas foi aviar na farmácia. Onde escreveram exatamente como aqueles medicamentos iam ser tomados, tanto pelo Sr. Quintas, na receita do Dr. Antibióticumano, como pelos leitõezinhos, na receita do Dr. Antibióticovéte.

– E já sabe Sr. Quintas! – Avisaram os irmãos médicos. – Se não fizer tal e qual como nós dizemos, para a próxima vez que precisar de se tratar pode ser terrível! Olhe, e se sobrar alguma coisa, não se esqueça de devolver os restos à Dra. Drageia, na farmácia.



Uns brutamontes! – Pensou ainda, revoltada, a Professora Gram-Boa, pela bela trapalhada que tinha sido aquele passeio.

A partir daí evitava sempre saídas conjuntas com as turmas do Professor Gram-Mau. E de repente, ali em Lisboa, numa terra tão distante, lá estava ele, à sua frente, para quase de certeza ir também à conferência.

– Que paciência a minha! – Bufava ela, tentando não dar muito nas vistas, enquanto o malcriadão fingia que não a via.



– Só espero que não tenha trazido também os alunos dele e que andem por aí à solta pelo aeroporto. – Pensou a Professora Gram-Boa, com um arrepio nas costas.

Facto era que os seus alunos, as bactérinhas boas, eram diferentes. E só se portavam mal se as bactérinhas más as arrastassem para o mal, o que volta e meia acontecia, para grande tristeza sua.



E as suas bactérias boas, também se tornavam más.





A Professora Gram-Boa sabia que era costume esta pergunta, para controlar quem entra e sai do país e não por os inspetores serem cuscos ou assim!

– Venho falar numa conferência sobre «Saúde e Paz» que vai haver amanhã no Centro de Congressos da capital. – Respondeu ela, educadamente.

– É do que todos mais precisamos no mundo! – Disse logo muito interessado o Inspetor Sefe, dando ânimo à Professora Gram-Boa para continuar: – O título da minha palestra é «Antibióticos e Bactérias: Sim é possível!», e teria muito gosto em vê-lo na conferência amanhã, com a sua família e os seus animais de companhia!

– Claro que sim! – Sorriu o Inspetor Sefe – Amanhã lá estarei. Na primeira fila com os meus filhos e com o Kókus, o nosso coelho de estimação!

A Professora Gram-Boa ainda gritou: – Excelente!

Mas não sabe se ele a chegou a ouvir, porque, entretanto, já corria toda apressada, para ir conhecer, finalmente, o radiante sol de Lisboa.

